

LONGA

CURTAS



Marieta Severo e Marco Nanini em Carlota Joaquina

CARLOTA JOAQUINA PRINCESA DO BRASIL

(Brasil, 1994). De Carla Camuratti. Com Marieta Severo, Beth Goulart, Marcos Palmeira, Marco Nanini, Eliana Fonseca, Maria Fernanda, Thales Pan Chacon, Ney Latorraca e Ludmila Dayer.

Um misto de correria e ansiedade tomou conta de Carla Camuratti nos últimos dias, para conseguir trazer cópia de seu primeiro longa para o Festival de Brasília. *Carlota Joaquina, Princesa do Brasil* ficou na dependência de trucagem e da abertura para ser entregue à diretora, no Rio de Janeiro. Um dos filmes mais esperados para edição do Festival de Brasília, *Carlota Joaquina* busca nas raízes históricas do país o material de sua temática. "No texto que escrevi como programa do filme digo que o filme saiu como eu tinha imaginado", comenta Carla Camuratti. "Claro, não o realizei integralmente como havia planejado, mas o filme atingiu 80% e é a tradução do que eu tinha para dizer".

Resultado de oito meses de pesquisa na Biblioteca Nacional de Madrid, na Torre do Tombo em Portugal e no Museu Nacional brasileiro (além de mergulhos em muitos sebos), o filme foi realizado em um ano e oito meses. Desse período, oito meses foram consumidos em pesquisas e no roteiro, escrito pela própria diretora em parceria com Melanie Diamant (esposa de Mauro Farias e co-roteirista de seu *Não Quero Falar Sobre Isso Agora*). Durante as filmagens de *Carlota Joaquina*, previstas para durar oito semanas, ocorreram três interrupções, por falta de dinheiro. "Por incrível que pareça, essas interrupções não foram um problema", garante a diretora. "O tempo parado me dava espaço para produzir o que faltava e isso diminuiu radicalmente o desperdício que encarece qualquer filme, porque eu conseguia reciclar muita coisa".

Carlota Joaquina, Princesa do Brasil aproveita um momento histórico definido para fazer ficção. A narradora é uma menina que escuta his-

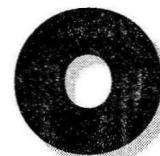
tórias de um tio na Escócia, sobre o Brasil. A partir daí, ela pode fantasiar à vontade. Iolanda (a estreante Ludmila Dayer) se imagina, por exemplo, Carlota quando pequena. O papel-título está a cargo de Marieta Severo e um elenco de primeira completa a equipe. Beth Goulart é Maria Teresa, Marcos Palmeira é D. Pedro I, Marco Nanini faz D. João VI, seu comparsa Ney Latorraca encarna o pintor Debret.

Carla Camuratti diz ter escolhido esse tema porque acredita que toda raiz histórica é reveladora do momento atual de uma sociedade. "Grande parte de nosso povo, de qualquer classe sabe mais sobre a história de outros países do que sobre nossa própria história", avalia. "Sabe-se mais a respeito da Grécia do que, por exemplo, sobre *Carlota Joaquina*". A importância desse processo de retomada histórica está, na opinião de Carla Camuratti, no fato de que a Europa estava se livrando da monarquia quando a família real transferiu sua corte para cá. "Isso nos atrasou em muito, porque a monarquia era constituída por pessoas decrépitas, em função de realizarem casamentos somente dentro da própria família", diz.

Essa visão em larga escala do que aconteceu ao Brasil daquela época (e que tem reflexos na sociedade atual) é colocada no filme dentro de uma perspectiva de um cotidiano, "o que resulta no humor do filme". Com uma produção orçada em 630 mil dólares ("boa parte dela realizada através de permuta"), o filme saiu, segundo a diretora, "com aspecto de que custou mais". Esse resultado foi conseguido com uma eficiente equipe técnica que inclui fotografia de Breno Silveira e cenografia de Tadeu Burgos e Emilia Duncan. "Um filme de época precisa ter muito rigor no que diz respeito à imagem", diz Camuratti, com muita vontade de mostrar o resultado, mas com medo da expectativa criada em torno de seu filme.

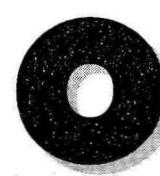
O Cantor de Samba (1994) — Direção: Alexandre Dias da Silva.

Roberto (1994) — Direção: Amilcar M. Claro. Fotografia de Roberto Santos Fº. Música original de Eduardo Souza.



curta que encerra a mostra competitiva em 35 mm é, acima de tudo, uma prova de imensa amizade e admiração. *Roberto*, de Amilcar M. Claro, é uma homenagem ao cineasta Roberto Santos (autor de filmes antológicos como *O Grande Momento* e *A Hora e a Vez de Augusto Matraga*), cuja trajetória de realizador confunde-se com a própria história do cinema de São Paulo.

Assumindo-se como "cria" e órfão de Roberto Santos, o cineasta Amilcar M. Claro diz esforçar-se por superar o incômodo inerente a toda homenagem póstuma e redistribuir um pouco de homenagem que Roberto lhe prestou em vida "me permitindo o privilégio de assisti-lo em seus filmes, me dando o prazer da sua amizade". O filme tem fotografia de Roberto Santos Filho.



Cantor de Samba, dirigido por Alexandre Dias da Silva, em cartaz na sexta-feira, é uma paródia de um cine jornal. Imagens de um cine jornal antigo foram montadas com a narração de textos escritos por José Roberto Torero. As legendas do filme também tentam induzir o espectador a perceber a narração como se fosse efetivamente uma produção dos tempos antigos. Este falso cine jornal traz como uma de suas atrações algumas imagens inéditas do compositor Noel Rosa.